

22 NOV 1986

Governo volta a endurecer questão da dívida

BRASÍLIA — O Governo prepara uma nova ofensiva na área externa. Pretende adotar uma postura mais dura e incisiva nas negociações com os banqueiros sobre a dívida externa. O Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, admitiu ontem, pela primeira vez, que o Governo poderá adotar uma posição unilateral na questão.

Ao responder a uma pergunta sobre a disposição do Governo brasileiro de adotar uma decisão unilateral caso os banqueiros não aceitem reduzir o pagamento dos juros, o Ministro da Fazenda disse: "o Governo pode tudo". Em seguida completou: "a decisão unilateral deveria ser a última alternativa".

O Chefe da Assessoria Econômica Especial do Ministério da Fazenda,

Luiz Gonzaga Belluzzo, foi ainda mais enfático do que Funaro, ao falar sobre a negociação da dívida externa:

— Chega de conversa mole. Agora — assinalou — queremos respostas concretas as nossas reivindicações. Queremos o preto no branco.

Belluzzo explicou que a posição brasileira sobre a renegociação da dívida externa é a seguinte: ou os banqueiros refinanciam parte dos juros (o que implicaria na concessão de dinheiro novo) ou reduzem os custos da dívida (o que significa menores taxas de risco).

O Chefe da Assessoria Econômica da Fazenda explicou que o Governo brasileiro não aceita que o País continue transferindo por ano mais de 2,5 por cento do Produto Interno

DÍVIDA EXTERNA

O GLOBO

Bruto (PIB) para o exterior, sob a forma de pagamento de juros da dívida externa, e espera que essa postura seja efetivamente considerada pelos bancos credores.

Informou que não está programada nenhuma viagem de autoridades brasileiras para retomar as negociações com os credores. Assinalou que agora "o Governo vai esperar para ver qual será a postura dos bancos". Somente depois que tiver uma resposta concreta, é que o Governo se manifestará.

Belluzzo não quis dar prazo para que essa resposta dos bancos ocorra. Mas Funaro já afirmou, anteriormente, que o Governo brasileiro somente espera até o fim de dezembro por uma resposta dos bancos credores.

LONDRES — A conduta ordeira das primeiras eleições inteiramente livres no Brasil, após 21 anos de regime militar, é motivo para congratulações, afirmou, ontem, em editorial o "Financial Times". O jornal diz que, embora as apurações ainda prossigam, está claro que, para o País, há um resultado inequívoco, a vitória do PMDB. "Ossificado durante muito tempo por militares sem imaginação, o Brasil necessita muito de uma força amplamente centrista, mas reformista, para administrar os complexos problemas políticos e sociais".

"A última, mas talvez a mais crucial questão que o Brasil enfrenta é a sua atitude para com o resto do mundo. Embora desagradável como possa parecer, o Brasil deve viver com a realidade da sua grande dívida externa e declinante capacidade de atrair capital externo".